

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Fernanda Xavier de Jesus Silva

O ambiente facilitador em Winnicott e o aprendizado da matemática

Uberlândia
2020

Fernanda Xavier de Jesus Silva

O ambiente facilitador em Winnicott e o aprendizado da matemática

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria José Ribeiro

**Uberlândia
2020**

Fernanda Xavier de Jesus Silva

O ambiente facilitador em Winnicott e o aprendizado da matemática

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Banca Examinadora

Uberlândia, 18 de dezembro de 2020.

Profa. Dra. Maria José Ribeiro (Orientadora)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia-MG

Profa. Dra. Viviane Prado Buiatti (Examinadora)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia-MG

Profa. Dra. Liliane dos Guimarães (Examinadora)
Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia-MG

Resumo

Este trabalho propõe um diálogo entre a psicanálise winnicottiana e o aprendizado da matemática, especialmente no que diz respeito ao papel do ambiente no processo de desenvolvimento e aprendizado humano. Para tanto, buscou-se apoio em três obras de Winnicott – *Natureza humana, A criança e o seu mundo, e Tudo começa em casa* –, em trabalhos de pesquisadores winnicottianos e de outros estudiosos. A partir da teoria do amadurecimento emocional humano, de Winnicott, o texto aborda o conceito de ambiente facilitador – aquele que oferece as condições necessárias para o crescimento do indivíduo de forma saudável –, discutindo seus benefícios para o processo de ensino/aprendizado da matemática. O trabalho aponta a importância de um ambiente facilitador no contexto educacional, o que envolve atentar-se para as especificidades de cada aluno no processo de escolarização, utilizar formas de ensinar que sejam mais adequadas à realidade dos alunos, manter um bom relacionamento com os mesmos, contribuindo assim para o seu desenvolvimento pessoal.

Palavras-chave: Winnicott. Ambiente facilitador. Ensino/aprendizado de Matemática.

Abstract

This work proposes a dialogue between Winnicottian psychoanalysis and the learning of mathematics, especially with regard to the role of the environment in the process of human development and learning. To this end, support was sought in three works by Winnicott – *Human nature, The child and his world, and Everything starts at home* –, in works by Winnicottian researchers and other scholars. Based on Winnicott's theory of human emotional maturation, the text addresses the concept of a facilitating environment – one that offers the necessary conditions for the growth of the individual in a healthy way –, discussing its benefits for the teaching/learning process of mathematics. The work points out the importance of a facilitating environment in the educational context, which involves paying attention to the specificities of each student in the schooling process, using ways of teaching that are more appropriate to the reality of the students, maintaining a good relationship with them, thus contributing to your personal development.

Keywords: Winnicott. Facilitating environment. Mathematics teaching/learning.

O ambiente facilitador em Winnicott e o aprendizado da matemática

Introdução

A proposta deste trabalho é estudar a importância do ambiente no processo de desenvolvimento e aprendizado humano, especialmente no que diz respeito ao processo de escolarização no campo da matemática. O interesse pela temática se deve principalmente à minha trajetória como estudante do curso de Psicologia e ao meu trabalho concomitante de apoio escolar a crianças e adolescentes com dificuldades no aprendizado da matemática. Ao longo de oito anos de atuação nessa área, percebi que muitos alunos, que não conseguiam aprender na escola e nem com a ajuda de suas famílias, conseguiam retomar sua aprendizagem quando se estabelecia tanto uma relação de confiança como uma apresentação dos conteúdos de um modo mais pessoal, de acordo com as especificidades de cada pessoa.

Ao longo do curso de Psicologia, o estudo das teorias do desenvolvimento humano foi despertando minha atenção para os fatores sociais, históricos, orgânicos e emocionais que vão constituindo as pessoas. Fui percebendo, cada vez mais, que os alunos com os quais eu trabalhava nas suas demandas escolares manifestavam questões emocionais que interferiam na construção do conhecimento. Pude notar que o uso de medicamentos ou o excesso de atividades extracurriculares pouco contribuíam para a superação das queixas escolares. Constatei, então, que o crescimento depende das experiências vividas, de como cada um atravessa os próprios desafios e com o que e com quem se pode contar nessa travessia.

Um autor que se destacou nesse meu percurso foi Donald Woods Winnicott, psicanalista que formulou uma teoria do desenvolvimento emocional humano que me interessou por tratar de maneira clara os fatos da vida, ampliando minha compreensão acerca do que os alunos comunicavam com suas dificuldades na escola, nos conteúdos, nos

relacionamentos. Procurei estudar o conceito de *ambiente* nessa perspectiva teórica por considerá-lo fundamental na obra do autor e, também, para contribuir na minha formação na área da psicologia escolar e educacional.

A construção do conhecimento lógico-matemático, que é minha área de interesse específica, muito se assemelha ao desenvolvimento humano, já que ambos precisam de uma continuidade para que se percorra um determinado processo. Na matemática, por exemplo, é necessário que se saiba somar e subtrair antes de aprender a multiplicar e dividir, que por sua vez são fundamentais para resolver expressões e equações; mas para aprender as operações básicas é preciso um conhecimento prévio dos algarismos hindo-arábicos e das noções e relações de quantidade. Tal como a criança, que primeiro precisa se desenvolver fisiológica, cognitiva e emocionalmente para que possa ir se constituindo enquanto indivíduo e gradualmente ir realizando funções sociais básicas e essenciais no seu ambiente. E tanto no aprendizado da matemática quanto no desenvolvimento enquanto pessoa humana, caso haja falhas em algum momento específico, cuidar disso é fundamental para que o processo prossiga da melhor forma possível.

O conceito de ambiente elaborado por Winnicott é um dos pilares da teoria do amadurecimento pessoal ou teoria do desenvolvimento emocional humano, a espinha dorsal do trabalho do autor. O ambiente em Winnicott se diferencia conceitualmente do ambiente proposto pelos estudiosos do Behaviorismo e até mesmo da Psicanálise tradicional. Para o autor, o ambiente é a provisão das condições necessárias em cada período do desenvolvimento humano, para que este se efetive rumo ao si-mesmo verdadeiro: se o ambiente falha acima das possibilidades de o indivíduo suportar, pode ocorrer uma instabilidade na continuidade de existência do ser, podendo favorecer dificuldades na aprendizagem ou até mesmo o adoecimento psíquico.

Devemos nos lembrar de que, para Winnicott, o ambiente depende de pessoas que consigam se identificar com as necessidades de outras e forneçam as condições necessárias para o seu amadurecimento pessoal. Nesse sentido, podemos traçar um paralelo entre as falhas ambientais e muitos problemas de aprendizagem. Se não tivermos uma escola, uma equipe de educadores, um(a) professor(a) que esteja preparado(a) para atender as especificidades dos alunos e se adaptar às necessidades dos mesmos no decorrer do processo de ensino-aprendizagem, a instituição como um todo poderá falhar enquanto ambiente facilitador para o crescimento dos alunos.

Winnicott aborda temáticas que nos possibilitam pensar em questões escolares como as acima apontadas. A seguir, apresentaremos alguns elementos de sua teoria que consideramos relevantes para a formação de psicólogos interessados no amadurecimento emocional humano, especialmente no que se refere a possíveis contribuições para a mediação do conhecimento em matemática.

Para a realização desse trabalho, procuramos conhecer a teoria de D. W. Winnicott a partir da leitura de três obras suas: *Natureza humana*, única obra escrita inteiramente como livro e motivada quando o autor ensinava em um curso para educadores; *A criança e o seu mundo*, uma obra de amplo alcance, constituída de um compilado de palestras radiofônicas em que o autor aborda temas de interesse e utilidade pública; e *Tudo começa em casa*, obra a partir da qual tive contato com o texto em que Winnicott se referia à matemática, o que nos instigou ao estudo do tema. Buscamos também trabalhos de pesquisadores winnicottianos da atualidade e de outros estudiosos que pudessem contribuir para o conhecimento da teoria do autor e/ou para estabelecer um diálogo com o campo da educação, no que se refere ao nosso interesse de estudo, procurando identificar ideias que nos ajudassem a refletir sobre as questões do aprendizado na matemática.

Winnicott e sua teoria do amadurecimento emocional humano: breve histórico de um percurso

O psicanalista inglês Donald Woods Winnicott nasceu em 1896 na cidade de Plymouth e faleceu no ano de 1971, aos 75 anos, em Londres. Iniciou sua formação em medicina muito cedo e teve uma longa e vasta jornada profissional na área da saúde, em que aprendeu a importância da escuta cuidadosa, o que despertou seu interesse para além das questões biológicas do adoecimento, dando enfoque também para as questões psíquicas. Seu interesse pela obra de Freud o levou a estabelecer-se em Londres para fazer sua formação em Psicanálise, tendo ocupado a presidência da Sociedade Psicanalítica por mais de uma vez e lançado novos paradigmas em psicanálise (Ribeiro, 2004b, p. 26).

Winnicott pertencia a uma família tradicional inglesa cujas principais atividades estavam ligadas ao comércio e à política, teve uma vida privilegiada, sem privações financeiras. Viveu sua infância em um lar confortável e estimulante, com suas irmãs mais velhas, sua mãe e uma babá, em um ambiente seguro onde podia se expressar emocionalmente com confiabilidade e sem barreiras. Seu pai não ficava muito em casa por conta dos negócios da família, porém é mencionado como uma figura fundamental na sua educação, o que repercutiu em sua obra em que aponta a importância do papel paterno em toda a sua teoria do desenvolvimento emocional humano.

Winnicott foi um apreciador das artes, dos esportes, dos veículos sobre rodas e das ciências. Apesar do desejo de seu pai de que ele seguisse com os negócios da família, em 1914, aos 20 anos, foi para Cambridge estudar Biologia no *Jesus College* e posteriormente Medicina em Londres no *St. Bartholomew's Hospital*. Nesse período acontecia a Primeira Guerra Mundial, de modo que parte de sua formação acadêmica se deu nesse cenário, influenciando, obviamente, os rumos de sua vida pessoal e profissional.

Em 1920 Winnicott formou-se em medicina e começou a trabalhar no Hospital Infantil de Paddington Green, onde atuou por 40 anos, atendendo uma enorme quantidade de crianças e suas famílias. Desde o início de sua carreira Winnicott já demonstrava interesse pelas questões da infância, porém na época a especialização em Pediatria, propriamente dita, ainda não existia, então atuou como consultor em medicina infantil por todo esse tempo, adquirindo bastante experiência com as questões da infância e das relações familiares. Além de seu trabalho no hospital, ele também atuou, nos tempos da Segunda Guerra, em albergues para crianças evacuadas dos conflitos, prática essa que enriquece sua experiência e observação clínica, contribuindo para sua teoria sobre a tendência antissocial.

Toda a trajetória de Winnicott foi de intenso trabalho, e o rigor de seus registros clínicos possibilitou-lhe escrever vários artigos sobre a psicologia infantil e das outras idades, ministrar palestras, inclusive radiofônicas, aconselhar pais, fornecer consultorias e elaborar sua teoria do amadurecimento emocional humano, resultando em uma rica obra de livros publicados.

Desde o início de sua formação, Winnicott sempre se interessou pelas questões psicológicas do ser humano e em sua atuação como médico pediatra percebeu que os bebês também eram atravessados por perturbações emocionais desde muito cedo. Assim, buscou recursos na teoria psicanalítica de Freud, e depois em Klein, para compreender melhor essa demanda. Como explica a pesquisadora winnicottiana Elsa Oliveira Dias,

Impactou-o a precocidade dos distúrbios e a importância dos fatores psíquicos no surgimento deles; não tinha clareza, no entanto, acerca da natureza desse psíquico e, ao aproximar-se da psicanálise, buscou o campo por excelência para a sua investigação. De fato o encontrou, com a ressalva de que, muito em breve, veria que não concordava com o que a teoria tradicional estabelecida entendia por psíquico. (Dias, 2002, p. 111)

Ainda em “A trajetória intelectual de Winnicott”, Dias (2002, p. 117) relata que, embora a psicanálise tradicional tenha sido a principal interlocutora do autor, em toda a sua trajetória intelectual, ele jamais deixou de dirigir-se aos pediatras, obstetras, enfermeiras e berçaristas, a fim de alertá-los sobre certas descobertas que ele considerava essenciais no cuidado com a infância e na implementação da saúde.

Sigmund Freud foi quem criou a teoria e o método de tratamento psíquico chamado Psicanálise. Como diz Loparic (2006): “Não é fácil dizer o que é a psicanálise. Um esclarecimento possível consiste em evocar a afirmação de Freud, reiterada por Winnicott, de que a psicanálise é uma ciência de um certo tipo de fatos clínicos” (p. 1). Freud foi também a primeira pessoa a falar em sexualidade infantil e na importância do inconsciente humano.

O fato é que Winnicott, em sua atuação profissional como médico pediatra, percebeu que os bebês adoeciam psiquicamente e adoeciam muito cedo, antes mesmo que o Complexo de Édipo de Freud pudesse estar estabelecido. Foi quando começou a pensar que talvez a teorização da sexualidade infantil, tal como foi proposta por Freud, não era suficiente para explicar o adoecimento precoce de uma pessoa com poucos dias de vida.

Baseado na mitologia grega, mais precisamente no mito de Édipo, Freud estrutura toda a base da teoria psicanalítica. Sobre isso, escreve Loparic:

Na formulação inicial do complexo de Édipo, a diferença de sexos desempenha o papel fundamental: o menino gosta da mãe e é rival do pai, ou seja, tem desejos de incesto e de assassinato. A menina, por seu turno, gosta do pai e rivaliza com a mãe. Essa situação é conflituosa e, por isso, gera angústia, cuja forma básica é a de castração. A angústia, bem como os desejos que constituem a situação edípica, passam em geral despercebidos, embora possam aparecer na forma de sonhos e de sintomas neuróticos, analisáveis e compreensíveis em termos da lógica dessa mesma situação. Com o Édipo, Freud descobriu, ao mesmo tempo, a sexualidade infantil, o

inconsciente reprimido, o conflito que causa as neuroses e o método de seu tratamento.
(Loparic, 1996, p. 41)

Sobre o papel do Édipo na teoria psicanalítica tradicional, ele é o fenômeno principal na vida sexual, sendo toda a teoria da função sexual concebida como decorrência da situação edípica. Somado a isso, a estrutura do sujeito é concebida em termos de antecedentes ou derivações desse complexo. O complexo de Édipo é ainda o complexo nuclear das neuroses e das doenças psíquicas de modo geral e, por último, ele está na origem da ordem cultural, da religião, da moral, da sociabilidade, da historicidade, da arte, da ordem humana em geral. Assim, a teoria da situação edípica e dos seus efeitos, como explica Loparic (1996, p. 43), pode ser chamada de paradigma, no sentido de que o complexo de Édipo é o problema central e ao mesmo tempo a solução desse problema, é um paradigma teórico e a parte principal da psicanálise tradicional.

Em texto de 2006, Loparic explica a mudança de paradigma operada por Winnicott:

A psicanálise passou por várias reformulações pelo próprio Freud e seus seguidores, efetuadas no mais das vezes sob pressão de fatos clínicos. Nas pesquisas de Winnicott, contudo, o paradigma freudiano como tal entra em crise, dando lugar à busca por um novo paradigma. O motivo principal da crise foi o acúmulo de problemas clínicos – entre eles as manifestações da tendência antissocial e da psicose infantil – que não podiam ser compreendidos teoricamente nem tratados clinicamente no quadro do paradigma edípico de Freud, mas que, segundo Winnicott, não deviam ser eliminados do campo de aplicação da psicanálise. (Loparic, 2006, p. 3)

Em seu trabalho clínico, Winnicott percebeu que havia recém-nascidos com problemas para dormir, para se alimentarem ou, ainda, ficavam muito nervosos, o que sugeria um problema associado à forma da mãe se relacionar com esse bebê, sendo inviável pensar que se tratasse de um problema de cunho sexual, anterior ao complexo de Édipo. Então Winnicott

começou a se dar conta de que a etiologia desses distúrbios pediátrico da patologia do bebê era relacional, proveniente da relação com uma pessoa humana e não com um objeto, como dizia a psicanálise, mas com o ambiente.

Winnicott considera o ato da mãe segurar o bebê no colo de suma importância para o desenvolvimento saudável do mesmo, e essa ideia do bebê no colo da mãe, da forma como foi proposta pelo autor, era completamente nova. Em suas observações, ele pôde perceber que, quando a mãe segurava o bebê no colo e dava os braços a ele, estabelecia contato visual e uma relação de cuidado. O colo da mãe, para Winnicott, não se restringe aos braços, é também a voz, é o local onde vivem, é o contato visual entre a mãe e a criança, ou seja, o colo é tudo aquilo que acontece entre a mãe e o bebê, podendo haver inclusive problemas nesse relacionamento, aos quais Winnicott chamou de falhas ambientais. O ser visto é importante para o bebê para que aos poucos ele possa se reconhecer como alguém que mama. A princípio o bebê não é ninguém, mas se gradualmente ele for visto como alguém que mama, ele irá se firmar como uma personalidade inicial, ou seja, o bebê tem que ser olhado pela mãe para ter a experiência do próprio existir, para sentir-se real e uno. Foi assim que Winnicott descobriu uma psicologia “pré-edipiana” e começou a trabalhar nessa psicologia por toda a sua vida (Loparic, 2020).

Portanto, pode-se dizer que o fator decisivo para o surgimento da psicanálise winnicottiana foi sua crescente convicção de que existem problemas no início da vida humana que podem ser identificados e descritos com facilidade, porém não são solucionados por meio dos elementos fornecidos pela teoria da situação edípica e do complexo de Édipo, e sim sob uma perspectiva ambiental, em que o ambiente vai se adaptando e fornecendo as condições necessárias ao amadurecimento do indivíduo.

“Winnicott dedicou-se a estender os benefícios que a psicanálise pudesse trazer às pessoas e atribuiu uma grande importância ao *meio ambiente facilitador*, sendo identificado

como um dos pensadores psicanalíticos mais atentos à função estruturante do meio na construção da subjetividade humana” (Ribeiro, 2004b, p. 20).

O papel do ambiente na teoria winnicottiana

Winnicott considera a mãe, ou o “colo da mãe”, como o primeiro e essencial ambiente para o bebê, aquele que fornece os primeiros cuidados com a sua vida. Contudo, o conceito de ambiente, em Winnicot, é bastante amplo e não se restringe apenas aos cuidados maternos. O autor destaca o papel de vários outros ambientes, como o pai, a família, a sociedade e as instituições.

Winnicott reconhecia nas instituições, aquelas parcelas da sociedade que, por meio da estabilidade promovida por seus códigos e normas de conduta, assim como por meio de seus fins, complementavam os papéis parentais, ou, na falta destes, os substituíram. Ao atuar dessa maneira, o ambiente institucional promove condições básicas para o desenvolvimento do indivíduo como ser social, ou mesmo, para que ele possa, antes de tudo, *vir a ser* um indivíduo. (Serralha, 2016, p. 79)

Para Winnicott, o ambiente facilitador é aquele que oferece as condições necessárias para o crescimento do indivíduo de forma saudável. Então, se o ambiente falha num momento em que o indivíduo não esteja preparado para suportar tal interrupção na sua continuidade de ser, principalmente no início da vida, pode ocasionar uma instabilidade que favorece o adoecimento psíquico. Este adoecimento é visto como uma imaturidade, ou falta das condições necessárias para lidar com as falhas ambientais (Ribeiro, 2004a, pp. 10-11).

Nós, seres humanos, quando nascemos não teríamos a mínima condição de continuar a viver por um dia sequer se não fosse pelo suporte de outro ser humano, que nos alimentou, aqueceu, cuidou da nossa higiene etc. até que tivéssemos as mínimas condições de

sobrevivência. Na verdade, nossa espécie demora muito para conseguir realizar funções básicas, como se locomover ou comer, sem a ajuda de outro. Somos extremamente dependentes dos nossos semelhantes para nos desenvolvermos, do início ao final da vida.

Para Winnicott (1990), “o ser humano é uma amostra-no-tempo da natureza humana” (p. 29), cada pessoa tem sua própria trajetória de desenvolvimento e constituição do si-mesmo, e em toda a nossa existência, passamos por experiências que vão nos constituindo. Ou seja, o ser humano vai conquistando condições de interagir com as realidades externa e interna à medida que vive. Quando nascemos, contamos com poucos recursos para lidar com tudo o que envolve a vida fora do útero. À medida que vamos sendo supridos em nossas necessidades básicas, vamos também criando uma identidade unitária e tendo a capacidade de nos situarmos no espaço-tempo. Como escreve Elsa Oliveira Dias (2003),

O que está, portanto, em pauta, no *amadurecimento pessoal*, não são as funções isoladas, sejam elas biológicas, mentais ou sexuais, mas o próprio viver humano, naquilo que este tem de estritamente pessoal: o sentimento de ser, de ser real, de existir num mundo real como um si-mesmo. (p. 97)

Assim, o amadurecimento se inicia na concepção e só termina quando o indivíduo morre. Winnicott nomeou alguns estágios do amadurecimento (dependência absoluta, dependência relativa, independência relativa), porém é preciso dizer estes não acontecem de forma linear na vida pessoas.

No entanto, apesar da não linearidade do processo, não se pode negligenciar o fato de que algumas conquistas – e isto se refere sobretudo às primitivas – só podem ser alcançadas depois de outras, que são seu pré-requisito, sua condição de possibilidade. Ou seja, a resolução das tarefas de cada estágio depende de ter havido sucesso na resolução das tarefas dos estágios anteriores, se ocorre o fracasso, novas tarefas vão surgindo, mas o indivíduo, não tendo feito a aquisição anterior, carece da

maturidade necessária para fazer-lhes frente; ele pode até resolvê-las intelectualmente, mas elas estarão apoiadas em bases falsas, e não farão parte intrínseca do seu si-mesmo como aquisições pessoais. (Dias, 2003, p. 103)

Para Winnicott, o ser humano é essencialmente relacional e possui uma tendência inata ao amadurecimento, ou seja, à integração numa unidade. Porém, essa integração não acontece de forma espontânea, para que aconteça é necessária a presença de um ambiente facilitador.

Na maioria das vezes, a mãe é a mesma mulher que engravida, pare e amamenta, mas, considerando o papel desempenhado por essa figura de acordo com a teoria de Winnicott, usaremos o termo mãe para nos referirmos a qualquer pessoa que provê os cuidados iniciais para a sobrevivência do bebê. Devido à grande importância da figura dessa “mãe”, principalmente nos estágios primitivos do desenvolvimento, Winnicott confere um grande protagonismo à relação mãe-bebê. Para ele, o desenvolvimento de uma pessoa conta uma história relacional onde a mãe, além de compreender o crescimento emocional do bebê, é capaz de compreender também o crescimento emocional da pessoa que cuida desse bebê, ou seja, da pessoa que é responsável por facilitar o crescimento do mesmo. Assim, todas as condições que a mãe oferece ao seu filho, tais como alimentação, higiene, afeto, serão fundamentais para o desenvolvimento satisfatório, ou não, dessa criança (Serralha, 2016, p. 20).

Dentro da psicanálise, contudo, nota-se que Winnicott abordou as relações entre mãe e bebê de maneira bastante especial. Ele não só viu a capacidade da mãe de amar o seu bebê, como também de odiá-lo, dando-se conta dos vários sentimentos maternos sem julgá-la e condená-la por isso. Para ele, ambos – mãe e bebê – são dependentes de seu ambiente imediato para estabelecerem uma boa relação, e evidenciou a vital

importância dessa boa relação para o crescimento saudável do indivíduo recém-nascido. (Serralha, 2016, p. 23)

O *ambiente suficientemente bom* é também um conceito elaborado por Winnicott, e em sua teoria ele representa um conjunto de condições necessárias para que a pessoa se integre no tempo e no espaço, tornando-se uma unidade individual, um eu conciso e saudável, capaz de se relacionar com o mundo externo sem perder sua integridade e sua espontaneidade. Logo, o ambiente, quando satisfatório, vai preparando o indivíduo para as possíveis adversidades da vida, deixando-o seguro de que estas não vão ameaçar sua existência.

Segundo Conceição Serralha, quando falamos desse ambiente suficientemente bom, estamos falando de um ambiente adaptável às necessidades do indivíduo, que não são as mesmas em todas as fases do amadurecimento: esse ambiente vai se modificando, em um processo dinâmico de se adaptar, desadaptar e se readaptar às necessidades mutáveis da criança, para que possa atender as necessidades do seu desenvolvimento. Além da adaptabilidade, outra característica essencial ao ambiente é a sua qualidade humana, de modo que, se não houver a presença do aspecto humano, as tendências herdadas para o desenvolvimento podem até atingir uma maturação biológica do indivíduo, mas não permitirão o alcance de uma “plenitude pessoal” (Serralha, 2016, p. 36).

Podemos então traçar um paralelo entre as falhas ambientais e os problemas de aprendizagem: se não tivermos uma escola, um professor, uma equipe que esteja preparada para atender as especificidades de cada criança individualmente, a instituição como um todo não desempenhará o papel de ambiente suficientemente bom para dar continuidade ao desenvolvimento e aprendizagem desta criança.

Portanto, entendemos que compete aos educadores – especialmente aos que lidam com crianças muito novas – na medida das suas possibilidades de trabalho, o fornecimento de uma provisão ambiental para o aluno que vá ao encontro das suas necessidades.

Embora tenha enfatizado a prioridade dos pais na criação dos filhos, Winnicott reconhecia o papel da escola, até como uma segunda chance, para crianças que não tiveram um bom ambiente inicial [...]. (Ribeiro, 2004a, p. 13)

O ensino/aprendizado da matemática à luz de um ambiente facilitador

Ao longo de meus anos de trabalho de apoio escolar e de estágio supervisionado pela Universidade Federal de Uberlândia, houve situações em que pude constatar os prejuízos que a quebra de continuidade nos conteúdos da matemática pode causar aos estudantes, como por exemplo, quando há troca de professores no meio do ano letivo ou quando algum aluno muda de escola antes de concluir o ano. Quando uma situação como essa acontece, é notória a dificuldade que os alunos têm para retomar a aprendizagem, seja porque ainda precisam se adaptar ao modo de ensinar do(a) professor(a) ou porque os conteúdos da nova escola possam apresentar dissonâncias, podendo estar mais atrasados ou adiantados.

No texto “*Sum: eu sou*”, Winnicott escreve sobre a importância da continuidade dos conteúdos e da confiabilidade da criança no professor para que o aprendizado da matemática ocorra de forma satisfatória. O autor afirma que, no ensino da matemática, caso algum estágio seja comprometido, o resto pode ficar sem sentido. Também destaca a importância da relação professor-aluno no processo de desenvolvimento e aprendizagem (Winnicott, 1989, pp. 43-50).

A respeito desse texto, cabe assinalar que se trata de uma conferência proferida em 1968 na Associação de Professores de Matemática, em Londres, em que Winnicott discorre sobre o estágio do *eu sou* no desenvolvimento do indivíduo. Como explica Ribeiro (2004b),

O autor relaciona o estágio do *eu sou* (aspecto central do desenvolvimento humano) com a operação de soma (central na aritmética) e diz que a “unidade” é uma palavra

desprovida de sentido para os que não conseguiram, e talvez nunca consigam, se sentir como uma pessoa; não atingiram o *status* de indivíduo. (p. 83)

A vida humana implica a possibilidade de poder reconhecer-se como alguém que, por sentir-se “um”, pode enriquecer-se e identificar-se com outros “uns”, disponíveis primeiramente na família, depois entre amigos, na escola e na sociedade (Ribeiro, 2004b, p. 82).

Recentemente passamos a conviver com um novo contexto de ensino e aprendizagem devido às medidas de distanciamento social impostas pela pandemia do novo Coronavírus. O alunos têm que acompanhar os conteúdos escolares por meio de videoaulas online, o que vem causando grandes perdas nas suas experiências de aprendizagem, tanto no que se refere à socialização como em relação à incorporação de novos conhecimentos.

Além de terem a comunicação e a interação com o professor prejudicadas, os alunos ainda têm dificuldade na apreensão dos novos conteúdos propostos. Para o(a) professor(a), essa configuração de ensino também acaba sendo bastante desafiadora; a situação é tão nova e atípica que por vezes estes profissionais estão constatando a necessidade de retomar conteúdos do ano anterior para dar continuidade aos conteúdos atuais.

Na matemática os conteúdos necessariamente precisam de uma continuidade de entendimento crescente, pois uma *coisa sempre depende da outra*; por isso os conteúdos precisam estar alinhavados de forma consistente e isso só acontecerá se forem experienciados e compreendidos pelo aprendiz. Muitas vezes, ouvimos estudantes dizerem que se *esqueceram* de todo o conteúdo do ano anterior, mas quando isso acontece é porque, em muitos casos, o aluno não teve experiências com o conteúdo suficientes para que realmente incorporasse o novo conhecimento.

No aprendizado dos conteúdos da área das exatas há uma necessidade de repetição (não mecânica) de exercícios que tenham significado para quem os faz. Isso quer dizer que o

aprendiz precisa ver sentido na pergunta e aprender a respondê-la, muitas vezes, por seus próprios caminhos.

O professor (e mesmo alguns colegas) apresentam os desafios a serem percorridos na conquista do conhecimento, assim como as pistas necessárias para que os alunos prossigam. Quando eles vão conseguindo entender e solucionar os problemas sozinhos (ou com menos “dicas”), resolvê-los passa a ser uma atividade verdadeiramente prazerosa: trabalhar com a lógica se torna uma brincadeira de descobertas!

Porém, nem todos conseguem chegar nesse ponto e isso depende muito de como a matemática é apresentada. Um bebê, por exemplo, se diverte em jogar um objeto por inúmeras vezes no chão e pegar. Ele se interessa pelos efeitos da sua ação sobre os objetos, pela capacidade de reproduzi-la e até captar as consequências de pequenas inovações.

Com o aprendizado da matemática acontece também algo nesse sentido; é possível se entreter fazendo vários exercícios sobre o mesmo assunto. Daí a necessidade dos conteúdos serem contextualizados no que se refere à realidade dos estudantes, à condição que têm de pensar logicamente e de forma autônoma sobre os mesmos.

Quando falamos de autonomia intelectual, estamos dizendo da capacidade de pensar por si mesmo, e não governado por outra pessoa. Na matemática, assim como em qualquer outra área do conhecimento, deve-se ensinar com o objetivo amplo de promover a autonomia da criança, que não é somente intelectual, mas também, moral e social, indissociavelmente (Kamii, 2012, p. 33).

O universo numérico, assim como o universo da escrita, é um processo que vai sendo introduzido na vida da criança antes mesmo dela ingressar no sistema de ensino. A noção de número vem da experiência de vida no cotidiano,

da atividade de colocar todos os tipos de coisas em todos os tipos de relações, daí decorre que o primeiro princípio de ensino é o de atribuir importância ao fato de

encorajar as crianças a estarem alertas e colocarem todas as espécies de objetos, eventos e ações em todos os tipos de relações. (Kamii, 2012, p. 38)

Desse modo, para que os assuntos se tornem familiares e instigantes, para que os alunos se identifiquem e se interessem pelo processo de aprendizagem e para que a repetição deixe de ser algo tedioso e passe a ser algo satisfatório, é preciso que tenhamos professores capacitados a promover um ensino que respeite e acolha as especificidades de cada aluno. Obviamente a responsabilidade por possíveis falhas não deve estar centrada na figura do professor, mas sim nas condições de formação e atuação desse profissional que, na verdade, é subordinada ao lugar que a educação tem no projeto que o Estado lhe confere em cada momento da história e o seu compromisso com a qualidade de ensino que propõe à população.

Quando a escola percebe cedo os padrões de desenvolvimento das crianças e passa a agir no sentido de atender às suas necessidades, mais chances existem de essas crianças poderem participar da instituição de um modo que favoreça o seu crescimento. A atenção dada ao aluno no início da sua vida escolar – ainda que ocorra em idades diferentes e implique uma adaptação apropriada a cada caso – é um dos fatores determinantes na prevenção dos problemas escolares e dificuldades no aprendizado (Ribeiro, 2004b, p. 132).

O modo como as disciplinas são propostas, muitas vezes, não visa à construção do conhecimento autônomo da criança ou do adolescente, e apenas as respostas corretas são credibilizadas, mas não o processo. Na matemática é notória a presença de muitas fórmulas, que são esquemas algébricos padrões, construídos por estudiosos ao longo de anos de estudo. As fórmulas são uma síntese da produção do conhecimento de alguma (outra) pessoa, traduzidas em um padrão simbólico para encurtar o caminho do pensamento lógico.

Estes padrões, quando foram desenvolvidos, precisaram ser testados e replicados diversas vezes por esses estudiosos. Porém, quando são apresentadas aos alunos, mesmo que

isso aconteça sem que haja preocupação com o significado das mesmas, ou sem valorizar o caminho do pensamento percorrido para chegar a tais conclusões, ainda assim, facilmente os alunos conseguirão usá-las. Ainda que sem saber para que servem ou o que significam todos aqueles signos presentes ali. As fórmulas, quando não passam pelo processo de elaboração e entendimento dos alunos, atuam como saída “falsa”, já que não há apropriação cognitiva daquele conhecimento. Embora reconheçamos que em toda uma trajetória escolar é inevitável a utilização de atalhos acadêmicos, estes não fortalecem o verdadeiro aprendizado.

Estamos vivendo um momento histórico de pandemia, todas as atenções estão voltadas para os efeitos que o vírus tem causado na sociedade. No âmbito da educação, esse cenário tem deixado muito evidentes as dificuldades que os alunos possuem e que acabam sendo tratadas com artimanhas (fórmulas e macetes) devido à falta de recursos concretos para lidar com a situação, visto que a única possibilidade de aulas no momento são as que acontecem de forma remota. Presumimos que, quando retornarmos às aulas presenciais, teremos que lidar com os efeitos da descontinuidade do ambiente escolar causados pelo distanciamento social.

É mais comum do que se pensa encontrar alunos já em idade escolar avançada que ainda dependem da experiência concreta para aprender, principalmente aqueles que têm dificuldades na simbolização. Na matemática deveria ser mais valorizada a importância das experiências para o aprendizado, como o uso de jogos, que são recursos valiosos mas muito escassos e até inexistentes em muitas instituições de ensino. Outra atividade riquíssima que poderia ser melhor explorada nas escolas é a solução de problemas do dia a dia:

As situações diárias nas classes podem ser usadas pelas oportunidades que apresentam para a aritmética prática. O uso dessas situações: 1. incentiva as crianças *aritméticação lógica* da realidade e 2. leva ao desenvolvimento de sua autonomia. O primeiro ponto se concentra na construção da aritmética pela criança, enquanto o

segundo dá ênfase a um contexto mais amplo no qual a aritmética (assim como outros assuntos) é aprendida com significado. (Kamii & DeClark, 1990, p. 167)

Uma vez que as situações da vida diária instiguem o raciocínio lógico e aritmético e apresentem oportunidades para as crianças lidarem com seus pensamentos e suas tomadas de decisão no mundo real, os jogos por sua vez contribuem para a prática de alguma habilidade. Os jogos, por fornecerem um caminho estruturado, com regras e objetivos, são ferramentas fundamentais para a prática por meio da repetição. Assim, por exemplo, as crianças podem praticar todas as operações de uma forma mais interativa, expressiva e lúdica. “As crianças são mais ativas mentalmente enquanto jogam o que escolheram e que lhes interessa, do que quando preenchem folhas de exercícios” (Kamii & DeClark 1990, p. 173).

A matemática, além de ser aprendida cognitivamente, tem que ser contextualizada com o universo, o cotidiano de quem aprende, pois isso fortifica o contato com a realidade e o Eu de quem aprende. O ato de ensinar pode ser visto como uma forma de organizar condições que facilitem o aprendizado, ou seja, criar situações favoráveis ao desenvolvimento, assim como a capacidade de lidar com as frustrações, ter condições de pensar de forma autônoma e se relacionar com as pessoas e o mundo de forma responsável, ou seja, favorecendo o verdadeiro crescimento pessoal. Esse campo do conhecimento, assim como muitos outros, quando são verdadeiramente incorporados pelo aprendiz, incidem sobre a ampliação da visão de mundo e de poder incidir sobre ele, contribuindo conseqüentemente para o fortalecimento individual e da sociedade.

Considerações finais

Este trabalho, de caráter introdutório, buscou promover um diálogo entre Winnicott e a educação no campo específico da Matemática. O que me fez aventurar neste tema foi uma

extrema identificação com as dificuldades das crianças com quem trabalhei ao longo da minha trajetória acadêmica e profissional. Eu percebia que cada uma chegava com uma bagagem e com uma maneira única de pensar, que se apresentava nos detalhes dos diálogos que estabelecíamos. Percebi, também, a importância de uma escuta cuidadosa e como é preciosa a atenção e o cuidado que se dedica à criança e ao jovem, para que se crie um vínculo de confiança na relação entre quem ensina e quem aprende.

As relações educativas, para além da transmissão de conteúdo, também possibilitam o crescimento pessoal, já que suportamos nos submeter à realidade em nome das conquistas que o amadurecimento nos traz: vão-se tolerando frustrações, abrindo-se mão da satisfação imediata dos impulsos, alinhando pontos de vista, enfim, muitos elementos se tecendo no processo de socialização.

É fértil poder pensar essas questões, pois apontam para reflexões relacionadas à importância de construirmos experiências significativas de ensino. O ambiente escolar é rico de pluralidades e oportunidades de vivências e situações que muitas vezes são desperdiçadas num modelo rígido de ensino. Por vezes, o fracasso escolar se dá muito mais pelo modo ineficaz de como o conhecimento é apresentado do que com a real capacidade de aprender dos alunos.

Trazer um ensino mais significativo, perceber como a pessoa se desenvolveu cognitivamente em seu processo de escolarização, promover formas de ensino que sejam mais adequadas à realidade dos alunos e ter um bom relacionamento com os mesmos contribui para o processo de identificar e fornecer as condições ideais para o seu desenvolvimento. Como se diz na matemática, a somatória de todas essas variáveis é o que configura um ambiente facilitador para o ensino-aprendizagem da matemática.

O contato com a obra de Winnicott foi muito enriquecedor, pois pude estudar melhor os conceitos de ambiente facilitador, continuidade de ser, cuidado, integração das

experiências vividas e sobre o amadurecimento emocional humano. Pude compreender melhor a relação entre entender as necessidades do aprendiz e buscar fornecer as condições mais favoráveis ao aprendizado.

Este trabalho contribuiu para chamar nossa atenção para questões de interesse também dos pais, das mães, dos educadores de crianças e jovens, que são relacionadas ao processo de aprendizagem da matemática. Nesse processo pode haver falhas, interrupções, fracassos, dificuldades, porém é necessário olhar para todo o contexto que envolve a situação e possibilitar a retomada do crescimento a partir de um ambiente facilitador, em que as pessoas se identifiquem com o aprendiz e ajudem-no a prosseguir mediante experiências que favoreçam seu aprendizado e desenvolvimento pessoal.

Referências

- Dias, E. O. (2002, Janeiro/Junho). A trajetória intelectual de Winnicott. *Revista Natureza Humana*, 4(1), 111-156.
- Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Kamii, C., & DeClark, G. (1990). *Reinventando a aritmética: implicações da teoria de Piaget* (E. Curt, M. C. M. Dias, M. C. D. Mendonça, trans.). Campinas, SP: Papirus.
- Kamii, C. (2012). *A criança e o número: Implicações educacionais na teoria de Piaget para a atuação com escolares de 4 a 6 anos* (39a ed.; R. A. Assis, trad.). Campinas, SP: Papirus.
- Loparic, Z. (1996). Winnicott: uma psicanálise não edipiana. *Percurso*, 17, 41-47. Reeditado em 1997: *Revista de Psicanálise da SPPA*, 4(2), 375-387.
- Loparic, Z. (2006). De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática. *Winnicott e-Prints*, 1(1), 1-29. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2006000100004&lng=pt&tlng=pt.
- Loparic, Z. (2020, Janeiro). Há uma quebra de paradigma em Winnicott com relação à psicanálise freudiana clássica? [Prof. Loparic - Canal Winnicott Urgente - Youtube]. Recuperado de https://www.youtube.com/watch?v=T0aOx5dtG_Q.
- Rappaport, C. R. *Psicologia do desenvolvimento*. São Paulo: EPU, 1981.

- Ribeiro, M. J. (2004a). Contribuições introdutórias para uma interlocução da obra de D. W. Winnicott e a psicologia na escola. *Revista Natureza Humana*, 3(1), pp. 1-22. Recuperado de <http://dwwe.com.br/wp-content/uploads/2019/06/wct-v3-n1-2004-1.pdf>.
- Ribeiro, M. J. (2004b). *O ensinar e o aprender em Winnicott: a teoria do amadurecimento emocional e suas contribuições à psicologia escolar* (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Serralha, C. A. (2016). *O ambiente facilitador winnicottiano: teoria e prática clínica*. Curitiba: CRV.
- Winnicott, D. W. (1989). *Tudo começa em casa* (P. Sandler, trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1990). *Natureza humana* (D. L. Bogomoletz, trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (2015). *A criança e o seu mundo* (6a ed.; A. Cabral, trad.). Rio de Janeiro: LTC.